

# A TRADIÇÃO LUCIÂNICA NUMA UTOPIA FRANCESA DO SÉCULO XVII

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Doutoranda no Departamento de Teoria Literária

Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP

## RESUMO:

Em 1516 Thomas More publicava a **Utopia**, acrescentando à literatura um novo gênero literário, essencialmente satírico. Se numerosos estudiosos perceberam a relação profunda deste livro com a obra de Luciano de Samósata, poucos, no entanto, analisaram a relação da tradição luciânica com as obras pertencentes ao gênero utópico. Neste artigo, pretendemos analisar a presença, da utopia francesa na obra publicada em 1676, **A Terra Austral Conhecida**, de Gabriel de Foigny, de elementos que constituem a tradição luciânica. São eles: a dificuldade de classificação genérica devida ao caráter híbrido do texto; o recurso à paródia ou citação de textos anteriores ou contemporâneos do autor; a presença do inverossímil, que dá ao texto um aspecto fantástico; a ambigüidade, que leva o leitor a hesitar quanto à seriedade ou à comicidade do que é enunciado; e, por fim, o recurso ao ponto de vista distanciado do narrador, que permite ao autor analisar com mais acuidade os objetos de sua crítica e que, ao mesmo tempo, funciona como um elemento de persuasão, que tem como objetivo levar o leitor a acreditar na veracidade do relato do pseudoviajante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gabriel de Foigny, Luciano, utopia, tradição luciânica.

## ABSTRACT:

In 1516 Thomas More published **Utopia**, adding to literature a new literary genre, essentially satirical. If many scholars have noticed the depth link of this book with the work of Lucian of Samosata, few, however, analyzed the relation between lucianic tradition and the works belonging to the utopian genre. The aim of this paper is to analyze the presence, in the French utopia published in 1676, **The Southern Land Known**, written by Gabriel de Foigny, of five elements belonging to the lucianic tradition. They are: 1) the difficulty of genre classification due to the hybrid character of the text; 2) the use of parody or quotations of other texts, contemporary or ancients; 3) the presence of the improbable, that makes the text a fantastic one; 4) the presence of ambiguity, that leads the reader to hesitate about the seriousness or the comic quality of what it is expressed; and, finally, 5) the use of distanced perspective of the narrator, which allows the author to examine more acutely the objects of his critic and, at the same time, acts as an element of persuasion, which has intended to lead the reader to believe in the veracity of the report of the pseudo-traveller.

**KEY WORDS:** Gabriel de Foigny, Lucian, utopia, lucianic tradition.

Em 1516 Thomas More publicava a **Utopia**, acrescentando à literatura um novo gênero literário, cujo caráter essencialmente satírico foi ressaltado por muitos estudiosos. Mais precisamente, a utopia partilha com a sátira menipéia duas de suas características mais evidentes: *a função moral e cívica*, identificada por Van Rooy, a partir da definição de sátira romana, e *o riso*, que, conforme Hendrickson, é provocado pelo satirista, que ele chama de *spoudogeloios*, ou seja, aquele que, através do riso, fala de coisas sérias. Tanto a utopia quanto a sátira atribuem a um personagem ou a uma situação significados contraditórios que impossibilitam toda interpretação unívoca, privilegiando a fantasia crítica contra uma representação plausível do mundo (RACAULT, 1991, p. 587 e 2003, p. 120). Mas a sátira menipéia também possui outras características, que, assim como as citadas, encontramos na obra de Luciano de Samósata, um de seus mais importantes continuadores, a tal ponto que as características da tradição luciânica podem ser identificadas com as características da sátira menipéia (cf. Rego, 1989). São elas: 1) a dificuldade de classificação genérica devida ao caráter híbrido do texto; 2) o recurso à paródia ou citação de textos anteriores ou contemporâneos do autor; 3) a presença do inverossímil, que dá ao texto um aspecto fantástico; 4) a ambigüidade, que leva o leitor a hesitar quanto à seriedade ou à comicidade do que é enunciado; 5) e, por fim, o recurso ao ponto de vista distanciado do narrador (*katascopos*), que permite ao autor analisar com mais acuidade os objetos de sua crítica e que, ao mesmo tempo, funciona como um elemento de persuasão que tem como objetivo levar o leitor a acreditar na veracidade do relato do pseudoviajante. Pretendemos neste artigo investigar se estas características, que também se encontram na **Utopia** de More, estão presentes na utopia francesa **A Terra Austral Conhecida**, de Gabriel de Foigny, publicada em 1676<sup>1</sup>.

*A Terra Austral conhecida* é um relato de viagem narrado na primeira pessoa onde é contada uma dupla história, a do protagonista, Nicolas Sadeur, e a de uma terra, a Terra Austral, ambos ímpares: Nicolas Sadeur é filho de franceses, nascido no Oceano Atlântico (em uma embarcação que ia de Bordeaux às Índias Orientais), dotado da particularidade física de possuir os dois sexos; a Terra Austral é uma terra ideal, regida pela razão, desconhecida, que fora acidentalmente descoberta por Sadeur após um périplo constituído de diversos episódios romanescos que, invariavelmente, terminavam com um naufrágio. Os austrais, assim como Sadeur, são hermafroditas, porém, diferentemente dele, agem conforme uma vontade individual que coincide permanentemente com a vontade coletiva, fonte de harmonia social. **A Terra Austral Conhecida** é também uma utopia,

---

<sup>1</sup> **A Terra Austral Conhecida**, de Gabriel de Foigny, é objeto de meu doutorado, realizado no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob a orientação do Prof. Carlos E. O. Berriel, e com financiamento da FAPESP e da CAPES. Meu trabalho consiste na tradução deste livro para o português e em sua análise, especialmente focalizada na questão do simbolismo do hermafrodita e da religião austral. Todas as traduções de citações do texto de Foigny são minhas.

pois se caracteriza por apresentar ao leitor uma alteridade social e espacial, neste caso, a descrição da então incógnita *terra australis*, onde o protagonista teria vivido por “mais de trinta e cinco anos”, e de suas diversas instâncias sociais (governo, economia, religião, organização militar, educação, etc.), “articuladas em um movimento panorâmico” (SUVIN, 1985, p. 69).

O relato de Sadeur é uma relação fictícia que se quer real, tendo o autor se servido de inúmeros artifícios que criam a ilusão da verossimilhança. Um deles consiste em apresentar o relato como um documento autêntico<sup>2</sup>. No prefácio, colocando-se como personagem-editor, Foigny afirma ter recebido um manuscrito do próprio Sadeur, já moribundo, em pagamento das despesas de sua sepultura. Este manuscrito continha o relato da vida deste viajante acidental, de seu périplo, que, involuntariamente, acabou por levá-lo à Terra Austral, e a descrição deste “quinto continente”. O personagem-editor explica ainda que, após ter conservado consigo o manuscrito por quinze anos, decidiu publicá-lo, e para tanto o traduziu do latim para o francês, retirando suas partes mais filosóficas, de modo a torná-lo “mais divertido” (FOIGNY, 1990, p. 13).

O personagem de Foigny-editor diz ter decidido publicar este relato para “edificar a Europa”, mostrando aos leitores como um povo de pagãos, seguindo apenas suas “luzes naturais”, revelava-se mais virtuoso do que “os mais reformados”. Sua intenção é, portanto, moralizadora, e o autor a realiza por meio da comparação, durante todo o livro, entre a alteridade austral e a Europa. *A Terra Austral Conhecida* é, portanto, além de utopia e relato de viagem, também uma sátira (com características da sátira grega e romana), pois ataca as imperfeições da sociedade europeia comparando-as com as instituições austrais, julgadas racionais, equilibradas e perfeitas. Porém é preciso assinalar que, talvez ironicamente, o próprio autor tenha semeado em seu leitor dúvidas a respeito desta vida perfeita, já que os austrais, em um dado momento de sua história, decidiram que morrer era melhor do que viver, pois equivalia a integrar-se ao “Grande Todo” eterno, imaterial, preferível a uma existência finita, material. Para isso eles dispunham de uma fruta nativa, o *balf*, que lhes permitia morrer tranquilamente.

A narrativa de Foigny também tem um estreito parentesco com outros gêneros literários, como o mito, o relato do paraíso (ou Idade do Ouro, jardim das delícias, ou outra representação similar), o gênero do relato histórico e o cômico. Os principais mitos presentes na Terra Austral são o do andrógino, representado pelos hermafroditas, e o dos antípodas, espelhado na localização da terra austral, oposta à Europa<sup>3</sup>. Outros, porém, compõem sua trama ficcional, como o que explica a origem dos *cafres* – um povo africano de que Sadeur ouve falar quando está no Congo – advindos da união de um homem com uma tigresa (no cap. II), e o mito da origem dos europeus que, segundo

---

<sup>2</sup> Os outros componentes que contribuem para a criação da ilusão de realidade são: o estilo simples do manuscrito, a plausibilidade da biografia do protagonista, a hiper crítica dos relatos de viagem anteriores e, por fim, a afirmação da existência do maravilhoso no real (cf. Ronzeaud, 1982, p. 111).

<sup>3</sup> O que contribui para a leitura da Terra Austral como o espelho da Europa, que reflete imagens antagônicas.

os austrais, descendem do casal de filhos que um homem bissexuado teve com uma serpente (no cap. IX). A Terra Austral reflete a tradição das representações, religiosas ou laicas, de uma terra sem mal. Suas referências à ausência de menstruação e ao não consumo de carne (e de sangue), remetem ao Levítico, que, somados à ausência de vermes e excrementos, constituem elementos cujo referencial é a pureza originária.

O livro de Foigny poderia ainda se prestar a uma classificação enquanto gênero histórico, já que as referências a personagens históricos ou pseudo-históricos são abundantes. A menção aos grandes navegadores, aos relatos de suas viagens, a datas precisas e a dados geográficos introduzem no relato fatos verdadeiros, preparando o leitor para acolher como igualmente verdadeiros os personagens, lugares e fatos do relato de Sadeur.

O cômico está presente na narração de fatos banais por meio de uma linguagem sóbria, como no episódio da queda de Sadeur, que cai no mar ao desembarcar e que, não fosse o personagem-editor, teria morrido afogado. A descrição de Sadeur como alguém desprovido de bens e relações, de expressão doce, um “pobre viajante” e um “bom velho banhado em lágrimas” acrescenta um elemento patético e trágico à comicidade de sua queda. Essa mistura de cômico e trágico não é estranha à tradição luciânica.

O texto de Foigny é, portanto, um híbrido, pois, como se espera de um gênero em que o hibridismo é uma característica intrínseca, é ao mesmo tempo uma utopia, um relato de viagem e uma sátira, além de apresentar elementos de outros gêneros, sendo portanto sua classificação genérica um problema, que apresentamos aqui sucintamente.

**A Terra Austral Conhecida** também possui a segunda característica da tradição luciânica, ou seja, a intertextualidade presente no recurso parodístico – esta obra é uma paródia dos relatos de viagem publicados até então – ou à citação de textos anteriores ou mesmo contemporâneos. Tal como Luciano, Foigny se serve sistematicamente da paródia, o que contribui para o hibridismo genérico de sua obra. Os textos citados, direta ou indiretamente, são numerosos. Basicamente, são quatro os tipos de texto citados: relatos de viagens, cosmografias e tratados de geografia, textos bíblicos e, por fim, filosóficos. Referiremos alguns deles.

É patente o aproveitamento de relatos de viagens reais, não apenas na descrição da Terra Austral, mas também na descrição das regiões visitadas por Sadeur antes de lá chegar, e na volta da terra utópica; são elas o Reino do Congo e Madagascar. Foigny parece ter tirado o essencial de sua descrição do Congo do relato de Antônio Pigafetta e Eduardo Lopes, publicado em 1598 na Coletânea de De Bry (com uma segunda edição latina em 1624)<sup>4</sup>, e da **Cosmografia Universal** de André Thevet, publicada em 1575. Além de usar estes (e outros) relatos como referência, Foigny os

---

<sup>4</sup> Este relato foi publicado pela primeira vez em 1591 (em italiano, e posteriormente em latim).

usa de duas maneiras particularmente interessantes: primeiramente, para contestar informações que podemos ler nestes relatos, como a de que os crocodilos são abundantes, operando assim uma hipercrítica que acaba criando um efeito de verossimilhança, bem como colocando sua obra numa continuidade em relação aos relatos verdadeiros<sup>5</sup>; em segundo lugar, ele mistura informações de fontes variadas com elementos prodigiosos, o que resulta numa realidade maravilhosa, povoada de animais metade peixe, metade cão, ovelhas cuja lã muda de cor, pássaros com características de vários animais de outras espécies, claramente filiada à tradição da viagem imaginária da qual Luciano é um de seus mais importantes expoentes.

Dentre os muitos relatos de viagem à terra austral citados por Foigny está o relato de Fernandez de Queiroz<sup>6</sup>, reproduzido em vários memorandos dirigidos ao rei da Espanha (precisamente, a *Huitième Requête à sa Majesté Catholique* - Felipe III), que conheceu várias edições no século XVII, e que Foigny deve ter lido na *Dixième Partie de l'Asie*<sup>7</sup>, editada por De Bry várias vezes no século XVII. Deste relato Foigny retoma a localização e as qualidades da terra austral, de seu povoamento intenso, a descrição de seus habitantes, detalhes como a presença de tecidos e barcas, e a ausência de animais nocivos e de vermes. Mas é preciso nuançar esta citação, já que tanto Foigny quanto Queiroz seguem uma lógica da descrição de sítios paradisíacos que é composta de lugares-comuns, como a ausência de animais daninhos ou o costume de andar nu. Ao lado destes lugares-comuns, a presença de detalhes que fogem à convenção tem uma importância narrativa: reforçar a verossimilhança convencendo o leitor de que o que ele está lendo foi vivido e visto pelo narrador.

Foigny cita diretamente o barão de Renty, de quem ele seguramente leu a **Introdução à Cosmografia**, de 1657<sup>8</sup>, e sua afirmação segundo a qual, resumindo o estado das descobertas austrais de seu tempo, “ninguém até agora soube o que era a Terra Austral, nem mesmo se ela era habitada” (FOIGNY, 1990, p. 6). O relato de Foigny, portanto, tem a intenção ficcional de completar uma lacuna geográfica de seu tempo. Também são conformes à *Cosmografia* de Renty as concepções acerca do geocentrismo e do clima, porém, tomando liberdade em relação às informações às quais tem acesso, Foigny acrescenta outros dados e raciocínios por vezes fantasiosos – e por vezes obscuros – para justificar a perfeição austral, neste caso preciso, quanto ao clima

---

<sup>5</sup> Outras fontes possíveis são: uma obra sobre a África publicada na compilação de Thévenot (1663-1672), *Les Relations de Voyage sur Le Nil et dans l'empire des Abyssins, autrement du Prestre Jean faite sur les lieux par les PP. Manoel d'Almeida, Alfonso Mendes, Pero Pays & Jeronimo Lobo qui y ont demeuré longtemps* onde é contestado o que Vasco da Gama relata a propósito das Montanhas da Lua, o que também faz Foigny; a relação impressa na compilação de De Bry de 1623, *Samuelis Brundinid, civis et chirurgi basileensis, prima navigati africana*.

<sup>6</sup> Que confundiu as Novas Hébridas com a Terra Austral.

<sup>7</sup> *Collection des Petits Voyages*.

<sup>8</sup> *L'Introduction à la cosmographie divisée en deux traités, l'un de la sphère, l'autre de la géographie* (edição revista e aumentada por Louis Coulon, 1657), publicada anteriormente sob o nome de *La Cosmographie, ou Introduction facile à la cosmographie, divisée en deux traictéz: le premier de la sphère, le deuxième de la géographie* (1645).

eternamente agradável. A mistura de elementos reais e imaginários certamente contribuiu para que o relato de Sadeur fosse tomado como verdadeiro em seu tempo e mesmo no século XVIII<sup>9</sup>.

Textos bíblicos são parodiados ao longo deste relato, sendo o principal deles o *Gênesis*: o reino do Congo é uma espécie de Paraíso, cuja terra o homem não tem necessidade de cultivar para seu sustento. Entretanto, é justamente esta natureza generosa a tornar os congolezes inertes, o que leva o narrador a concluir que, sem o trabalho, o homem torna-se “pedra”. O valor moral do trabalho será ilustrado na Terra Austral, um outro tipo de Paraíso, porém aperfeiçoado pelo homem, que modifica a natureza segundo suas necessidades, aplainando montanhas, extinguindo espécies nocivas de animais e cultivando o que lhe é útil.

Por vezes as citações bíblicas aparecem truncadas. É o caso de uma delas, colocada no capítulo dedicado à religião austral, correspondente a um deísmo racionalista. Sadeur hesita em revelar sua crença em um Deus “morto e ressuscitado” para a salvação dos mortais, já que seu interlocutor, um ancião austral, contestara vários pontos do cristianismo previamente apresentados. Então, parafraseando *Mateus 7:6* (“Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem aos pés e, voltando-se, vos despedacem”<sup>10</sup>), diz que continuar a explicar-lhe o cristianismo seria como “apresentar pedras preciosas a cegos”. Sadeur diz isso, no entanto, ao fim do capítulo, que uma análise mais atenta revela ser uma apologia do deísmo e, ao mesmo tempo, uma crítica radical do cristianismo defendida sem muita convicção e por meio de argumentos fracos. Logo, a citação bíblica perde toda força retórica que poderia ter, e seu uso culmina num efeito de ironia.

As citações a textos filosóficos se concentram principalmente em dois capítulos: *Da religião dos austrais* (capítulo VI) e *Dos sentimentos dos austrais sobre esta vida* (capítulo VII). A mais evidente e tratada mais explicitamente diz respeito ao materialismo atomístico. Outras se referem a Descartes, Pascal e Gassendi, entre outros. O atomismo é criticado tanto por Sadeur quanto por seu interlocutor austral. São três os tópicos criticados: 1) a idéia de que o mundo seja feito de corpúsculos, 2) de que estes sejam eternos e não tenham um Deus em sua origem e, 3) por fim, a capacidade dos corpúsculos de gerarem a variedade de formas que constitui o mundo. Se levarmos em consideração a totalidade do capítulo em que esta crítica é desenvolvida, percebemos que ela foi colocada no início de um longo diálogo que oporá o cristianismo ao deísmo austral, consistindo no único ponto consensual entre Sadeur e seu interlocutor. Depois desta introdução, na qual os dois

---

<sup>9</sup> As estratégias ficcionais que Foigny usou para criar a verossimilhança foram tão eficazes em sua época que alguns críticos afirmam que Pierre Bayle teria acreditado que o Sadeur da edição de 1692 (essa segunda edição, consideravelmente mutilada em suas passagens mais polêmicas, foi a única à qual Bayle teve acesso) tivesse realmente existido. Além disso, Moréri, em seu *Grand dictionnaire historique*, na edição de 1732, após resumir as peripécias da vida de Sadeur em um verbete de mesmo nome, atribui o relato da vida de Sadeur a Foigny e termina dizendo que “não se pode saber se Sadeur é um homem verdadeiro ou imaginado”.

<sup>10</sup> A tradução deste e da próxima citação bíblica são de João Ferreira de Almeida.

pensamentos religiosos se superpuseram, o ancião austral contestará vários pontos do cristianismo, consolidando passo a passo o deísmo, numa demonstração pedagógica que tende a mostrar o quanto o cristianismo pode ser irracional.

O recurso sistemático à paródia e à citação de relatos de viagem, manuais de cosmografia e geografia, da Bíblia e de correntes filosóficas, antigas ou contemporâneas, colocam Foigny na esteira da tradição luciânica.

**A Terra Austral Conhecida** também se caracteriza pela presença do inverossímil, que dá ao texto um aspecto fantástico. Os exemplos são muitos, mas o mais evidente concerne ao hermafroditismo dos austrais. O leitor pode achar o hermafroditismo de Sadeur estranho, mas não impossível, afinal já havia sido repertoriado em estudos sobre a natureza, desde Plínio e, nos séculos XVI e XVII, em várias obras de medicina, como as de Ambroise Paré e Jacques Duval (o primeiro a elaborar uma teoria sobre os hermafroditas). Além disso, o hermafroditismo é uma tópica mitológica e ficcional encontrada em textos filosóficos (Platão) em relatos de viagem imaginária (Luciano, Isidoro de Sevilha, Cyrano) e em relatos de viagem reais (Thevet, entre outros) lidos na época. O hermafroditismo individual de Sadeur prepara o leitor para acatar o hermafroditismo coletivo do povo austral, cuja inverossimilhança é acentuada pela descrição física: eles são altíssimos (2,65 m), tem o corpo sólido e equilibrado, o rosto pouco longo, testa larga, olhos saltados, lábios muito vermelhos, nariz arredondado, barba e cabelos negros, queixo fendido e recurvo, seios redondos e proeminentes, avermelhados, braços musculosos, mãos largas e longas, com seis dedos, ventre liso e pouco proeminente durante a gravidez, pernas compridas com pés de seis dedos; alguns possuem um par de braços na altura das ancas, especialmente fortes. A descrição de Foigny é sóbria, desprovida de expressões de espanto, causando desta forma um efeito cômico. Ela também é irônica, sobretudo se pensarmos que estes seres serão apresentados como um modelo de perfeição.

Os animais da Terra Austral também contribuem para criar um clima fantástico, e são sempre descritos como uma mistura de animais conhecidos do leitor. O mais temido deles é um pássaro chamado *Urg*, que ataca constantemente os austrais, do tamanho de um boi, cabeça pontuda, bico grande, duro e afiado como aço; os olhos são bovinos e saltados, as orelhas são cobertas de plumas vermelhas e brancas; o pescoço é largo, a cauda é emplumada; seu ventre é duro como ferro, as patas terminam em garras capazes de suspender um peso enorme. Este pássaro se parece com outros, que encontramos em vários relatos, como, por exemplo, o *Ruc* descrito por Marco Polo, por Thevet, e com os pássaros da região de Madagascar dos quais falam os autores de vários relatos publicados por Bergeron.

A flora, igualmente imaginosa, é cuidadosamente cultivada pelos austrais, que são excelentes jardineiros. Seus jardins são quadrados e compostos de doze aléias. A árvore mais preciosa ocupa o centro do jardim, é chamada de árvore da Beatitude, e seu fruto é o *balf*, que citamos acima. Se os austrais comem quatro *balfs*, ficam excessivamente alegres, se comem seis, dormem por vinte e quatro horas, e, caso comam mais do que seis, caem num “sono que não tem despertar” (FOIGNY, 1990, p. 77). Estes são exemplos do uso de uma absoluta liberdade em relação aos ditames da verossimilhança, que Foigny conjuga habilmente com o recurso a elementos convencionais e verossímeis tirados dos relatos de viagem reais.

É justamente esta mescla de real e irreal, de sério e cômico, a provocar um efeito de ambigüidade e que leva o leitor a hesitar quanto à seriedade ou à comicidade do que é enunciado. Esta é uma característica essencial do gênero utópico, que trata de assuntos sérios (trata da vida individual integrada a uma vida coletiva racionalmente organizada) em uma elaboração ficcional pitoresca, e mesmo, no caso específico da Terra Austral Conhecida, grotesca. Nesse sentido, o gênero utópico “eleva” o gênero cômico. Os hermafroditas de Foigny são grotescos, pois, fisicamente, contêm em si dois gêneros distintos, são uma mescla de corpos humanos (com braços por vezes duplicados), e funcionalmente exercem, ao longo de sua vida, atividades pertencentes aos universos masculino e feminino: todos eles são guerreiros, mães, jardineiros, engenheiros, cientistas, aprendizes, mestres, etc.

A ambigüidade também se manifesta no gênero do livro de Foigny, como vimos. Seu título reproduz as tópicas correntes nos relatos de viagens verdadeiras, com um subtítulo explicativo: *A Terra Austral conhecida ou a descrição deste país até agora desconhecido, de seus modos & de seus costumes. Por Sr. Sadeur. Com as aventuras que o conduziram a este Continente e as particularidades da vida que nele levou por mais de trinta e cinco anos e de seu retorno. Editadas & publicadas sob os cuidados & a direção de G. de F.* O caráter paródico é evidente.

O sério e o cômico também se encontram no capítulo dedicado à descrição das atividades austrais, entre as quais está a apresentação de novas invenções em sessões públicas, destinadas a servir à coletividade. Durante sua estadia de 35 anos na terra austral, Sadeur contou mais de cinco mil dessas invenções que, segundo ele, são “prodígios” e “maravilhas” comparáveis ao relato da *Vida dos Santos*, “milagres” da natureza que só a perfeição dos austrais torna possíveis. Dos doze exemplos citados, alguns concernem à criação de vida animal. Uma das fórmulas é: corta-se em duas metades e esvazia-se uma fruta grande como uma cabaça, versa-se dentro um copo de água do mar, meia onça de água de vitríolo e algumas gotas de suco de *balf*; após se juntar as duas metades e deixá-las ao sol durante 48 horas, o todo se transforma em um animal semelhante à lebre que vive apenas três horas porque “não é furado nos fundamentos” (FOIGNY, 1990, p. 156-157). Há ainda

invenções para se criar vida vegetal, objetos particulares como garrafinhas de cristal, papel, tochas incandescentes, tecidos, engenhocas e um modo de ficar invisível por duas horas. O efeito cômico dessas “invenções”, que lembram práticas alquímicas, é reforçado pela comparação com os relatos da *Vida dos Santos*, pois coloca num mesmo plano práticas religiosas e práticas laicas, chamando de “milagrosas” invenções que não tem nenhuma relação com o divino, mas apenas com a razão e a natureza austral.

Para citar um último exemplo de comicidade, retomaremos o episódio da queda de Sadeur. Trata-se de sua primeira aparição, no prefácio. O narrador-editor conta que Sadeur desembarcou no porto de Livorno, debilitado após uma longa viagem que o transportara desde Madagascar, e, ao passar pela prancha de desembarque, caíra na água juntamente com seus pertences, sem que ninguém se preocupasse em salvá-lo. A descrição de um acontecimento tão prosaico é em si cômica, e mais ainda quando contrastada com a função atribuída a si pelo próprio personagem e pelo editor – “edificar a Europa” por meio da descrição da Terra Austral – e com seus atos destemidos que serão narradas em seu relato. O princípio do espírito sério-cômico de Luciano que, segundo Erasmo (na dedicatória de sua tradução do diálogo *Gallus* de Luciano), “mistura assuntos sérios com triviais, e triviais com sérios”, é retomado por Foigny em sua Terra Austral.

O último item da tradição luciânica é o recurso ao ponto de vista distanciado do narrador (*katascopos*), que permite ao autor afastar seu objeto de análise o suficiente para que possa analisá-lo com mais acuidade. Também este é um recurso característico do gênero utópico, que obedece “a uma estética do distanciamento, muito mais do que a uma estética da ilusão” (DUBOIS, 1969, p. 39). Como instrumento crítico voltado para a análise da realidade de seu tempo, a utopia constitui-se em um instrumento de análise que se caracteriza por representar numa alteridade social e espacial os problemas sociais, políticos, religiosos, econômicos, lingüísticos, entre outros, do tempo de seu autor. Assim, quando Foigny descreve a longínqua Terra Austral, está descrevendo, como num negativo fotográfico, a Europa (e, particularmente, a França e a Suíça), porém com seus problemas solucionados de uma maneira *outra*. Não importa aqui se esta maneira é factível, pois a utopia é um objeto literário, e não um projeto, e importa, sobretudo, que pelo cotejo da realidade utópica com a realidade efetiva, o leitor se ponha a pensar, problematizando as questões de sua época por meio de um olhar comparativo, de um ponto de vista diferente do habitual. A utopia é um instrumento crítico paradoxal, que, ironicamente, age pela descrição de instituições irrealizáveis.

Assim, a uma Europa cujos interesses políticos e religiosos estavam estreitamente ligados, provocando incessantes conflitos político-religiosos, Foigny opõe uma terra onde ninguém usa a religião como pretexto para disputas, e mesmo, ninguém fala de temas religiosos, pois não existe religião institucionalizada. Foigny vai mais longe ainda mostrando uma sociedade onde também

não existe política ou qualquer outra forma de hierarquia de governo, nem leis, pois cada austral, por ser completo em todos os aspectos, e perfeito, não precisa de leis exteriores a ele para saber como se conduzir, não se move por vontade de poder, nem se relaciona com a divindade intermediado por uma hierarquia religiosa. Ambígua, a utopia de Foigny mostra seres cuja perfeição individual e social decorre da perfeição física, excluindo assim a possibilidade de seres unissexuados chegarem a constituir uma sociedade justa.

Além disso, os hermafroditas austrais são seres elevados que acreditam na existência de uma alma individual que, ao se extinguir o corpo, une-se à alma universal; por isso (fato ao qual já aludimos), estimaram, em um momento de sua história, que morrer – para integrar-se a uma forma de existência infinita e eterna – era preferível a viver – e ter que confrontar-se a cada dia à finitude da vida. Logo, Foigny provoca no leitor um duplo distanciamento em relação não apenas à sua terra, mas também em relação à terra utópica; o narrador distancia-se da Europa, observa uma terra ideal que, por comparação, lhe permite tratar de problemas de sua época, mas ao mesmo tempo, descrevendo esta terra ideal, coloca nela elementos ambíguos, que fazem com que o leitor tome distância uma segunda vez para perceber a ironia implicada na descrição de um alhures supostamente ideal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRIEL, Carlos E. O. Utopie, distopie et histoire. In: **Morus – Utopia e Renascimento**, n. 3, 2006.
- BOVETTI-PICHETTO, M. T. Gabriel de Foigny, utopista e libertino. In: **Studi sull'utopia**, raccolti da Luigi Firpo. Firenze: Leo S. Olschki, 1977.
- BOVETTI-PICHETTO, M. T. Introduzione. In: FOIGNY, Gabriel de. **La Terra Australe**. Naples: Guida, 1978, p. 5-73.
- BRANHAM, R. Bracht. Utopian Laughter: Lucian and Thomas More. In: **Moreana**, 86, jul. 1985, p. 23-43.
- CONSARELLI, Bruna. **Libero pensiero' e utopia nel 'Grand Siècle**. Pesaro: Flaminia, 1990.
- CURCIO, Carlo. Formação e caráter da utopia italiana no Renascimento. In: **Morus – Utopia e Renascimento**, n.1, 2004, p. 167-180.
- DÉMORIS, R. L'utopie, Autre du roman: La Terre Australe connue de Gabriel de Foigny (1676). In: **Revue des Sciences Humaines**, XXXIX, n° 155, 1974.
- DORSCH, T. S. Sir Tomas More and Lucian: an interpretation of *Utopia*. In: **Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen**, CCIII, 1967, p. 349-363.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. **Problèmes de l'utopie**. Archives de Lettres Modernes, 85, IV, 1968.

- FAUSETT, David. Preface. In: Gabriel de FOIGNY. **The Southern Land, Known**. Translated and edited by David FAUSETT, NY: Syracuse University Press, 1993.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles E. da S. Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- HENDRICKSON, G. L. *Satura Tota Nostra Es*. In: **Classical Philology**, 22, p. 46-60.
- LOGAN e ADAMS. Introdução. In: MORE, Thomas. **Utopia**. Organização G.M. Logan e R.M. Adams. Tradução Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONETI CODIGNOLA, Maria. Considerazioni sull'utopia. In: **Il paese che non c'è e i suoi abitanti**. Firenze: La Nuova Italia, 1992.
- PRÉVOST, André. L'utopie comme genre littéraire. In: **Moreana**, n. 31-32, nov. 1971, p. 161-168.
- PRÉVOST, André. Présentation. In: MORE, T. **L'Utopie**. Présentation, texte original, apparat critique, exegèse traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978.
- QUARTA, Cosimo. Utopia: gênese de uma palavra-chave. In: **Morus – Utopia e Renascimento**, n. 3, 2006, p. 35-53.
- RACAULT, Jean-Michel. **L'utopie narrative en France et en Angleterre (1676-1761)**. Oxford: The Voltaire Foundation, 1991.
- RACAULT, Jean-Michel. **Nulle part et ses environs. Voyage aux confins de l'utopie littéraire classique (1657-1802)**. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.
- REGO, Enylton de Sá. A sátira menipéia, Luciano e a tradição luciânica. In: **O calundu e a panacéia. Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradução luciânica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- RONZEAUD, Pierre. **L'Utopie hermaphrodite: La Terre Australe Connue de G. de Foigny**. Marseille: Publications du C.M.R. 17., 1981.
- RONZEAUD, Pierre. Introduction. In: FOIGNY, Gabriel de. **La Terre Australe connue (1676)**. Édition établie, présentée et annotée par Pierre Ronzeaud. Paris: STFM, 1990.
- SUVIN, Darko. Per una definizione del genere letterario dell'utopia: un pò di semantica storica, un pò di genologia, una proposta e un'argomentazione a difesa. In: **Le metamorfosi della fantascienza. Poetica e storia di un genere letterario**. Trad. di Lia Guerra. Bologna: Il Mulino, 1985.
- VAN ROOY, Charles A. **Studies in Classical Satire and Related Literary Theory**. Leiden: E.J. Brill, 1965.

### Fontes primárias

- MORE, Thomas. Utopia. In: **The Complete Works of St. Thomas More**, vol. 4. Edited by E. Surtz and J.H. Hexter. New Haven: Yale University, 1965.

- MORE, Thomas. Translations of Lucian. In: **The Complete Works of St. Thomas More**, vol. 3, part I. Edited by Craig R. Thompson. New Haven and London: Yale University Press, 1974.
- MORE, Thomas. **L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement**. Traduction de Marie Delcourt. Présentation et notes par Simone Goyard-Fabre. Paris: Flammarion, 1987.
- MORE, Thomas. **L'Utopie**. Présentation, texte original, apparat critique, exégèse, traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978.
- MORE, Thomas. **Utopia (1516)**. A cura di Luigi Firpo. Napoli: Guida, 1990.
- MORE, Thomas. **Utopia**. Organização G.M. Logan e R.M. Adams. Tradução Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORE, Thomas. **L'Utopie**. Traduit de l'anglais par V. Stouvenel. Revu et annoté par M. Bottigelli. Préface de Claude Mazauric. Paris: Librio, 2008.
- FOIGNY, Gabriel de. La Terre Australe *connue*. In: LACHÈVRE, Frédéric. **Les successeurs de Cyrano de Bergerac**. Genève: Slatkine, 1968.
- FOIGNY, Gabriel de. **La Terre Australe connue**. Avec préface de Raymond TROUSSON. Genève: Slatkine, 1981.
- FOIGNY, Gabriel de. **La Terre Australe connue (1676)**. Édition établie, présentée et annotée par Pierre Ronzeaud. Paris: STFM, 1990.
- LUCIANO. **Uma história verídica**. Edição bilíngue. Prefácio, tradução e notas de Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, [1976?].
- LUCIEN. **Histoire véritable**. Traduction et commentaire de Michel Tichit. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.
- LUCIANO. **Racconti fantastici**. Introduzione di Fulvio Barberis. Traduzione e note di Maurizia Matteuzzi. Milano: Garzanti, 1995.
- LUCIANO. **Diálogo dos mortos**. Org. e trad. Henrique G. Muracho. SP: Palas Athena/Edusp, 1996.
- LUCIANO. **Dialoghi e storie vere**. A cura di Nino Marziano e Giorgio Verdi. Milano: Mursia, 1999.
- LUCIEN. **Alexandre ou le faux prophète**. Texte établi et traduit par Marcel Caster. Introduction et notes de Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- LUCIEN. **Histoires vraies et autres oeuvres**. Préface de Paul Demont. Introduction, traduction nouvelle et notes de Guy Lacaze. Paris: Le Livre de Poche, 2003.
- LUCIEN. **Voyages extraordinaires**. Introduction générale et notes de Anne-Marie Ozanam. Paris: Les Belles Lettres, 2009.